

A ESTRUTURA QUE LIBERTA: PREPARAÇÃO, PAUTA E IMPROVISO DISCIPLINADO NA ARTE DE BEM FALAR

Por Ainor Francisco Lotério¹

¹ Engenheiro Agrônomo (UDESC) e Técnico em Agropecuária; Mestre em Gestão de Políticas Públicas — Instituições, Cultura e Sustentabilidade (UNIVALI); Bacharel em Filosofia (Centro Universitário Claretiano) e em Teologia Interconfessional; especialista (pós-graduação) em Gerenciamento de Marketing, Metodologia do Ensino Superior, Comunicação e Extensão Rural, além de Psicopedagogia. Extensionista rural com mais de três décadas de atuação, foi Diretor Estadual da Epagri e Prefeito de Camboriú (SC). Diácono Permanente da Igreja Católica desde 2003. Criador da Agrosófia — filosofia de vida com base no agro. Palestrante e escritor. Portais: www.ainor.com.br e www.loterio.com.br. Contato: contato@ainor.com.br.

RESUMO

Este artigo sustenta a tese de que a preparação prévia da fala pública — a organização de uma pauta ou roteiro de tópicos — não restringe o orador, mas o liberta. Contra o mito do improviso puro, argumenta-se que a espontaneidade admirável decorre de estrutura assimilada, e não de ausência de preparo. O objetivo é reunir e sistematizar o referencial teórico que fundamenta essa convicção em quatro planos convergentes: o cognitivo (limites da memória de trabalho e teoria da carga cognitiva), o retórico clássico (os cinco cânones do discurso), o litúrgico-eclesial (a Liturgia da Palavra como estrutura que autoriza a liberdade da pregação) e o ético-filosófico (o respeito à alteridade diante de plateias plurais). Como contribuição original, propõe-se o fundamento agrosófico: a diversidade humana é continuação da biodiversidade, e a plateia plural, tal como a encosta rica em espécies, é mais resiliente por acolher a variedade no mesmo espaço. Metodologicamente, trata-se de ensaio teórico de natureza bibliográfica e qualitativa, que articula fontes acadêmicas consagradas às reflexões autorais publicadas nos portais do autor. Conclui-se com um método prático aplicável a palestras, no qual o preparo garante o controle, o respeito à diversidade fica assegurado desde antes, e o improviso passa a ser criação sobre um leito firme, e não reação ao sabor da hora.

Palavras-chave: Oratória. Retórica. Carga cognitiva. Agrosófia. Ética do discurso. Biodiversidade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

2 O FUNDAMENTO COGNITIVO: OS LIMITES DA MENTE EM AÇÃO

3 O FUNDAMENTO RETÓRICO CLÁSSICO: OS CINCO CÂNONES DO DISCURSO

4 O FUNDAMENTO LITÚRGICO: A ESTRUTURA QUE AUTORIZA A LIBERDADE

5 O MITO DO IMPROVISO PURO

6 A PREPARAÇÃO COMO CUIDADO DIANTE DA DIVERSIDADE

6.1 O plano espiritual e a dignidade do ouvinte

6.2 O plano filosófico e o reconhecimento da alteridade

6.3 O plano científico e o automatismo dos estereótipos

7 A RAIZ AGROSÓFICA: A DIVERSIDADE COMEÇA NA BIODIVERSIDADE

8 UM MÉTODO PRÁTICO PARA A APLICAÇÃO EM PALESTRAS

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS

1 INTRODUÇÃO

A percepção de que a fala pública precisa de preparação prévia não é apenas razoável: é a forma clássica e eclesial de bem falar. Vive-se um tempo de excesso de estímulos e de provocações, e quem sobe à tribuna sem um chão firme fica exposto a reagir conforme o ambiente, em vez de dizer o que é preciso em cada momento. A pauta prévia não engessa o orador — ela o liberta.

Este artigo tem por objetivo reunir, sistematizar e fundamentar cientificamente essa convicção, extraindo dela os pontos, os tópicos e as estratégias para estudo e aplicação. Quanto à natureza, trata-se de ensaio teórico de abordagem qualitativa e procedimento bibliográfico, que articula quatro planos de fundamentação — o cognitivo, o retórico clássico, o litúrgico-eclesial e o ético-filosófico — a uma contribuição original de matriz agrosófica. As fontes combinam a literatura acadêmica consagrada sobre memória de trabalho, retórica e ética do discurso com as reflexões autorais publicadas nos portais www.ainor.com.br e www.loterio.com.br, nas quais a Agrosofia é desenvolvida como filosofia de vida com base no agro.

A tese central pode ser enunciada em uma frase: a estrutura não sufoca a inspiração; é a condição dela. Demonstrar-la exige percorrer, primeiro, por que a estrutura prévia liberta; em seguida, desfazer o mito do improviso puro; depois, mostrar que a preparação é também forma de cuidado diante da diversidade das plateias contemporâneas; e, por fim, enraizar essa exigência ética na própria lei da vida observada na terra.

2 O FUNDAMENTO COGNITIVO: OS LIMITES DA MENTE EM AÇÃO

Falar sem estrutura obriga a mente a executar, simultaneamente, três tarefas: recuperar o conteúdo, organizá-lo e monitorar o ambiente. Trata-se de carga excessiva para um único instante. A psicologia cognitiva denomina esse fenômeno sobrecarga da memória de trabalho, sistema de capacidade estritamente limitada responsável por manter e manipular informação durante a execução de tarefas complexas (BADDELEY, 2000).

Cowan (2001) demonstrou que o foco da atenção comporta, em média, apenas de três a cinco unidades de informação (chunks) por vez, e que essa ativação se dissipa em segundos se não for reativada. A implicação para o orador é direta: quando o conteúdo, a ordem e a leitura do ambiente competem pelos mesmos recursos atencionais escassos, algo se perde — em geral, a presença e a escuta. A teoria da carga cognitiva (SWELLER, 1988) reforça o argumento ao distinguir a carga intrínseca da tarefa daquela imposta desnecessariamente pela forma como a informação é organizada: reduzir a segunda libera capacidade para o essencial.

A pauta prévia resolve o problema ao transferir a organização para um momento anterior, deixando a mente livre, na hora, para a presença e a escuta. O orador fala melhor não porque decorou, mas porque já decidiu antes o essencial. Sob pressão e carga elevada, a mente recorre a automatismos; a estrutura preparada é justamente o que contém esses automatismos, convertendo esforço de organização em disponibilidade para o encontro.

3 O FUNDAMENTO RETÓRICO CLÁSSICO: OS CINCO CÂNONES DO DISCURSO

A tradição retórica greco-romana estruturava a produção do discurso em cinco fases, ou cânones, sistematizados sobretudo por Cícero e pela Retórica a Herênio e retomados por Quintiliano na formação do orador (CÍCERO, 2005; QUINTILIANO, 2015). As três primeiras são trabalho de gabinete, realizado antes: a inventio (o que dizer), a dispositio (em que ordem) e a elocutio (com quais palavras).

Somente as duas últimas acontecem diante do público: a memoria (o domínio interior do conteúdo) e a actio (a entrega viva — voz, gesto, presença). O orador antigo jamais improvisava a substância; improvisava apenas a vivacidade. A lição atravessa os séculos: a liberdade da performance repousa sobre a solidez do que foi previamente inventado, ordenado e verbalizado. Aristóteles (2012), ao fundar a retórica como arte de descobrir os meios de persuasão disponíveis, já situava a invenção e a disposição como trabalho anterior e deliberado, não como fruto do acaso.

4 O FUNDAMENTO LITÚRGICO: A ESTRUTURA QUE AUTORIZA A LIBERDADE

A Missa é a mais exata demonstração de uma estrutura que liberta. A Liturgia da Palavra — primeira leitura, salmo responsorial, segunda leitura, aclamação e Evangelho — não engessa a homilia: ela a fundamenta. O Concílio Vaticano II, na constituição Sacrosanctum Concilium, recolocou a homilia no coração da celebração, derivada do texto sagrado proclamado em ordem (IGREJA CATÓLICA, 1963).

O celebrante não fala do nada nem ao sabor do ambiente; fala a partir de um texto dado, e é esse chão firme que autoriza a liberdade da pregação. A homilia é, nesse sentido, improvisado disciplinado — possível justamente porque tudo o que a precede foi preparado e proclamado em ordem. A estrutura litúrgica confirma, no plano da fé, o que a cognição e a retórica afirmam no plano técnico: a forma anterior é a condição da liberdade posterior.

5 O MITO DO IMPROVISO PURO

Costuma-se elogiar quem fala sem papel, como se a ausência de leitura fosse sinal de dom. Isso confunde duas coisas distintas: a ausência de leitura e a ausência de

preparação. Ninguém que vale a pena ouvir improvisa de fato. Os grandes oradores dominam a arte de não ler — o oposto de não preparar. Prepararam tanto que interiorizaram a estrutura; o roteiro migrou do papel para a mente.

Cícero preparava por escrito e falava de memória. Os pregadores que arrebatam multidões meditaram longamente o texto antes de subir ao ambão. Quem impressiona por falar de improviso carrega, quase sempre, um repertório e um esquema mental que o público não vê — e é isso que se confunde com espontaneidade. O verdadeiro improviso, sem chão, produz divagação, repetição e a exata perda de controle que se quer evitar.

O que se admira, portanto, não é a falta de pauta: é a pauta tão bem assimilada que se tornou invisível. Ter tópicos não é fraqueza do orador — é o segredo escondido dos que parecem falar sem eles. Essa assimilação é o que a retórica clássica chamava memória e o que a psicologia contemporânea reconhece como automatização de esquemas, que reduz a carga cognitiva e libera atenção para a interação (SWELLER, 1988).

6 A PREPARAÇÃO COMO CUIDADO DIANTE DA DIVERSIDADE

Há ainda uma razão que ultrapassa a técnica e toca a consciência: vive-se um tempo de plateias irredutivelmente plurais. Diante de qualquer auditório sentam-se pessoas de diferentes religiões e de nenhuma, de diferentes orientações e identidades, de posições políticas e opções de vida que não se reconciliam entre si. Falar a esse conjunto sem preparo é caminhar sobre terreno movediço: no calor da hora, sob o excesso de estímulos, um ato falho, uma generalização ou uma piada mal medida podem ferir alguém que se esperava acolher. O escorregão não nasce da maldade, mas do descontrole — e é exatamente o descontrole que a pauta prévia previne.

6.1 O plano espiritual e a dignidade do ouvinte

No plano espiritual, a palavra tem peso porque cada ouvinte é imagem do Criador, e ferir a dignidade de um é ferir aquilo que nele há de sagrado. A tradição cristã pede que a palavra edifique e não derrube, e a caridade se exerce também na boca de quem fala. Preparar-se, aqui, é forma de amor ao próximo: é decidir antes que ninguém saia daquele encontro diminuído. A encíclica *Fratelli tutti* (FRANCISCO, 2020) situa a fraternidade universal e o diálogo social como exigências éticas do nosso tempo, reforçando esse dever da fala pública.

6.2 O plano filosófico e o reconhecimento da alteridade

No plano filosófico, o respeito à diversidade é reconhecimento da alteridade — o outro não é um desvio da minha medida, mas um centro próprio de dignidade. Lévinas (1980) fundamenta a ética na responsabilidade pelo rosto do outro, anterior a qualquer

cálculo. A ética do discurso de Habermas (1989) supõe que ninguém seja reduzido a objeto de zombaria ou a rótulo, e que a validade do que se diz dependa do reconhecimento igual de todos os participantes. O crime de ódio e o preconceito começam, muitas vezes, numa palavra irrefletida que naturaliza o desprezo; e a fala pública, por seu alcance, tem responsabilidade sobre o que ajuda a normalizar.

6.3 O plano científico e o automatismo dos estereótipos

No plano científico, sabe-se que, sob carga cognitiva e pressão do ambiente, a mente recorre a automatismos — e é aí que emergem os estereótipos aprendidos, à revelia da intenção. Kahneman (2012) descreve o pensamento rápido e automático (Sistema 1) como fonte de vieses que se impõem quando falta deliberação (Sistema 2). O ato falho não é acaso: é o automatismo que escapa quando falta estrutura para contê-lo. A preparação funciona como filtro: ao decidir antes as palavras e os exemplos, retira-se do improviso o poder de trair o orador. A pauta é, nesse sentido, o remédio adequado — não uma censura à espontaneidade, mas a garantia de que a espontaneidade não fira quem se quer servir.

7 A RAIZ AGROSÓFICA: A DIVERSIDADE COMEÇA NA BIODIVERSIDADE

Há um fundamento mais profundo que sustenta todos os anteriores, e ele vem da terra. Na Agrosafia — filosofia de vida que emerge da integração entre o conhecimento científico, a sabedoria ancestral e a observação profunda dos processos naturais (LOTÉRIO, 2025a) —, aprende-se que a diversidade humana é continuação da biodiversidade: não uma metáfora, mas a mesma lei da vida em outro plano.

Na agricultura sustentável, quanto mais espécies convivem na mesma área, na mesma encosta — vegetais sobretudo, mas também animais —, mais resiliente se torna o sistema. Um monocultivo é frágil: uma praga, uma seca ou uma geada o derruba por inteiro. A encosta rica em espécies suporta as mudanças climáticas justamente porque acolhe todas no mesmo espaço; onde uma vacila, outra sustenta, e o conjunto permanece. Essa constatação, que o autor sistematiza a partir da própria experiência de extensionista (LOTÉRIO, 2025b), encontra respaldo na agricultura sintrópica de Ernst Götsch, para a qual a estratificação e a diversidade de espécies conduzem o sistema da entropia à sintropia — do simples ao complexo, da fragilidade à regeneração (GÖTSCH, 1997; PASINI, 2017). A ecologia confirma que a diversidade de agroecossistemas favorece o controle natural de pragas e a estabilidade do conjunto (ALTIERI, 2004).

Filosoficamente, o que a natureza ensina no solo vale para a humanidade. Assim como a encosta biodiversa é mais forte que a plantação uniforme, também a comunidade humana plural é mais viva e mais resistente que qualquer tentativa de uniformidade. As diferenças de fé, de opção, de origem e de identidade não são desvios a corrigir, mas

espécies de um mesmo ecossistema humano, cada uma cumprindo sua função na saúde do todo. Ferir uma delas com a palavra é empobrecer o solo comum; acolhê-las é praticar, na fala, a mesma sabedoria que se pratica na terra. O orador que compreende isso não teme a plateia diversa: reconhece nela a encosta viva que sustenta a vida — e prepara-se para servir a todas as espécies que ali se reúnem.

8 UM MÉTODO PRÁTICO PARA A APLICAÇÃO EM PALESTRAS

As cinco fases clássicas, relidas à luz dos fundamentos anteriores, organizam-se em ordem de aplicação. Na inventio (antes), reúne-se e decide-se o conteúdo essencial: o que é preciso dizer neste tempo, para estas pessoas, neste lugar. Na dispositio (antes), ordenam-se os pontos numa sequência clara, montando a espinha da fala em poucos tópicos firmes. Na elocutio (antes), escolhem-se as palavras-chave e as imagens centrais de cada ponto, sem redigir tudo. Na memoria (preparação final), interioriza-se a estrutura até que o roteiro migre do papel para a mente. Na actio (diante do público), entrega-se com voz, gesto e presença, deixando o improvisado apenas para alargar o tema.

Na prática, reduza cada fala a poucos tópicos firmes — três a cinco costumam bastar, em consonância com os limites da memória de trabalho. Para cada tópico, fixe uma palavra-guia e uma imagem ou exemplo, e verifique de antemão se algum exemplo pode, sem intenção, atingir alguém: prefira sempre o que une ao que divide. Ensaie a estrutura, não o texto: repita a sequência dos pontos até que a ordem esteja natural. Suba com o roteiro assimilado, não decorado, e permita-se, na hora, alargar cada tema conforme a escuta do ambiente.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os quatro planos de fundamentação convergem para uma mesma conclusão: a estrutura prévia é a condição da liberdade, e não o seu contrário. O fundamento cognitivo mostra que a mente, livre da tarefa de organizar, torna-se disponível para a presença; o fundamento retórico recorda que a substância se prepara antes e só a vivacidade se entrega na hora; o fundamento litúrgico revela que um chão firme autoriza a liberdade da pregação; e o fundamento ético-filosófico impõe o preparo como cuidado diante da diversidade.

A contribuição original deste estudo está em enraizar essa exigência na Agrosafia: a diversidade humana começa na biodiversidade, e a plateia plural, como a encosta viva, é mais forte por acolher todas as espécies no mesmo espaço. Assim, o preparo garante o controle, o respeito à plateia diversa fica assegurado desde antes, e o improvisado passa a ser criação sobre um leito firme, e não reação ao sabor da hora. A estrutura, afinal, é o que liberta.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

BADDELEY, Alan. The episodic buffer: a new component of working memory? **Trends in Cognitive Sciences**, v. 4, n. 11, p. 417-423, 2000.

CÍCERO, Marco Túlio. **Da invenção retórica**. Tradução e notas. São Paulo: [s.n.], 2005.

COWAN, Nelson. The magical number 4 in short-term memory: a reconsideration of mental storage capacity. **Behavioral and Brain Sciences**, v. 24, n. 1, p. 87-114, 2001.

FRANCISCO, Papa. **Carta encíclica Fratelli tutti**: sobre a fraternidade e a amizade social. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2020.

GÖTSCH, Ernst. **Homem e natureza**: cultura na agricultura. Recife: Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá, 1997.

HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

IGREJA CATÓLICA. **Constituição Sacrosanctum Concilium**: sobre a sagrada liturgia. Concílio Vaticano II. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1963.

KAHNEMAN, Daniel. **Rápido e devagar**: duas formas de pensar. Tradução de Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. Agrosófia: a filosofia da vida que nasce da terra e redefine o futuro da humanidade. **Portal Aínor Lotério**, Camboriú, 2025a. Disponível em: <https://loterio.com.br/a-filosofia-da-vida-que-nasce-da-terra-e-redefine-o-futuro-da-humanidade/>. Acesso em: 11 jul. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. A importância da diversificação da produção na propriedade agrícola. **Portal Aínor Lotério**, Camboriú, 2025b. Disponível em: <https://loterio.com.br/a-importancia-da-diversificacao-da-producao-na-propriedade-agricola/>. Acesso em: 11 jul. 2026.

PASINI, Frederico Soares Antunes. **A agricultura sintrópica de Ernst Götsch**: história, fundamentos e seu nicho no universo da agricultura sustentável. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais e Conservação) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

QUINTILIANO, Marco Fábio. **Instituição oratória**. Tradução de Bruno Fregni Bassetto. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

SWELLER, John. Cognitive load during problem solving: effects on learning. **Cognitive Science**, v. 12, n. 2, p. 257-285, 1988.